Panorama da divulgação científica no município de Parintins [1]

Mirian BITENCOURT[2]
Lucas MILHOMENS[3]
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no ICSEZ[4] cujo objetivo é estudar os fatores que influem na prática do jornalismo científico nos veículos de comunicação presentes no município de Parintins. O trabalho traz um panorama da divulgação científica no município, as dificuldades dos comunicadores em escrever matérias científicas e a necessidade de veiculação das mesmas. Também vislumbramos a compreensão de algumas possibilidades do Jornalismo Científico como atividade jornalística nos veículos comunicacionais deste município.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação Científica; Jornalismo Científico; Parintins; Amazonas.

Introdução

A divulgação científica é fundamental para se formar uma cultura científica e, assim, contribuir para uma democracia participativa na sociedade. Dentro dessa divulgação está o jornalismo científico que, segundo Massarani (2008), "é reconhecido como um dos principais braços da divulgação científica". Acredita-se que este gênero do jornalismo é o mais eficaz para aproximar o público da ciência e, portanto, seguindo este raciocínio, a mídia assume um papel de popularizar o conhecimento científico. Em Parintins (localizada a 365 km de Manaus – Amazonas), existem três emissoras de rádio, a Rádio Tiradentes (repetidora das Organizações Globo), Rádio Clube, Rádio Alvorada (ligada a Igreja Católica) e Rádio Novo Tempo (rádio comunitária vinculada à igreja evangélica); três programas televisivos, o Jornal Alvorada (TV Alvorada), Programa Povo na TV (TV Record) e Agora Parintins (TV SBT); seis jornais impressos, sendo eles Novo Horizonte,

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo do ICSEZ/Ufam - Campus de Parintins, e-mail: mirian-bitencourt@hotmail.com.
[3] Orientador e Professor do Curso de Comunicação – Jornalismo do ICSEZ/Ufam - Campus de Parintins, e-mail: milhomenslucas@yahoo.com.br.
[4] Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/Ufam, Campus Parintins.

Repórter Parintins, Folha do Povo, Jornal da Ilha, Gazeta Parintins e Plantão Popular, além de sites e blogs como Jornal da Ilha, Repórter Parintins, Blog do Rildo Maia, Blog do Tadeu, entre outros.

Do outro lado, temos a comunidade científica que atualmente é composta por escolas do ensino fundamental e médio, através do Programa Ciência na Escola (PCE), duas universidades públicas, Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e um instituto de ensino tecnológico, Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Estas instituições de ensino desenvolvem pesquisas que, se divulgadas pela mídia local, podem contribuir não só para a difusão do conhecimento, como também para o desenvolvimento da região. Haja vista que as pesquisas surgem de necessidades aparentemente empíricas da própria região, são problemáticas que englobam a pecuária, meio ambiente, hortaliças e até a criação de programas de computadores (*softwares*) para atividades acadêmicas e escolares. Mas essas pesquisas não são compartilhadas com aqueles que são diretamente afetados por elas: a sociedade. Neste sentido, a mídia exerce o papel social de popularizar essas descobertas, ou seja, construir uma ponte entre o mundo científico e o público geral. Uma das ferramentas midiáticas consideradas das mais eficientes por vários autores como Milton Jung (2011) como a mais popular na região do Baixo Amazonas[5] é o rádio.

Assim, o trabalho apresenta um panorama da atuação da mídia no que tange à divulgação da ciência em Parintins, as dificuldades dos comunicadores em escrever matérias científicas e a necessidade de veiculação das mesmas. O texto traz uma discussão acerca da divulgação e jornalismo científico no município, resultado da pesquisa de iniciação científica por nós desenvolvida na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), tendo como objetivo fazer um levantamento dos motivos (empíricos e conceituais) que proporcionam a ausência do jornalismo científico na mídia parintinense.

Jornalismo científico e divulgação científica: conceitos diferentes

Para tratarmos de jornalismo científico se faz necessário compreender o conceito que lhe é atribuído. Primeiro, temos que deixar claro que divulgação científica não é jornalismo científico. Jornalismo científico é um gênero do jornalismo que trata da divulgação de assuntos ligados à Ciência e Tecnologia (C&T) pelos meios de comunicação, mas que seguem padrões jornalísticos, como critérios de noticiabilidade, consulta às fontes

[5] A Região do Baixo Amazonas é compreendida pelos municípios que circundam o Rio Amazonas na fronteira entre estados do Amazonas e Pará.

e checagem das informações. Segundo Bueno (2012), divulgação científica e jornalismo científico são conceitos distintos, embora estejam muito próximos. Explica o autor:

> Então, é preciso ficar claro: Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Disseminação Científica são conceitos diferentes e exprimem manifestações diversas do processo amplo de difusão de informações sobre ciência e tecnologia. O Jornalismo Científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalística. (BUENO, 2012)[6]

Veras Júnior (2005) esclarece que existe um antagonismo histórico entre os conceitos de Divulgação Científica e Jornalismo Científico. O primeiro termo é designado aos cientistas e pesquisadores acadêmicos que trabalham com a difusão de informações científicas, mas que não são formados em Jornalismo. Segundo Veras Júnior (2005, p.42) "a expressão jornalismo científico geralmente é designada aos profissionais da informação (repórteres, editores) que trabalham em veículos especializados".

Isso porque, segundo Bueno (2012), é possível encontrar nos meios de comunicação textos, artigos ou materiais sobre temas relacionados à Ciência e Tecnologia (C&T), mas não necessariamente pode ser considerado jornalismo científico, pois podem não seguir padrões jornalísticos. O Jornalismo Científico é uma forma de divulgação dirigida ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística (consulta às fontes, checagem da informação, dentre outros).

Oliveira (2007) deixa claro que a prática do jornalismo científico não se restringe apenas à cobertura da C&T, pois o conhecimento científico pode ser utilizado para compreender qualquer fato ou acontecimento de interesse jornalístico. Assim, Oliveira (Idem, p.47) afirma que "a informação científica pode estar presente em qualquer editoria, seja ela na de fatos gerais, de política, de economia e até de polícia e esporte".

Filho (2012) relaciona o conceito de jornalismo científico às condições presentes no dia a dia do jornalismo propriamente dito, bem como ao contato com as fontes, obtenção e checagem de informações e produção do texto noticioso. Estes elementos delimitam o jornalismo científico como:

> Um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta,

[6]Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismocientifico/artigo27.php>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

> no plano linguístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado (FILHO, 2012)[7].

Sob o mesmo ponto de vista, Oliveira (Idem) esclarece que o próprio uso de princípios do método científico em muito se assemelha à prática de outras especialidades do jornalismo. No jornalismo científico também se faz entrevistas com as fontes, checam-se as informações, define assuntos, elabora pautas, escreve matérias e se publica.

Para a autora, o jornalismo científico é um gênero específico e possui linguagem e característica próprias de decodificação das notícias, constituindo uma categoria à parte. O jornalismo científico, enquanto prática jornalística voltada para os assuntos ligados à ciência e tecnologia, utiliza-se das mesmas características do fazer jornalístico voltado para qualquer outro tema como esporte, economia e acontecimentos corriqueiros. A apuração, a produção e edição das matérias são idênticas. No entanto, dependendo da especificidade do tema envolvido, os passos para a produção podem variar de acordo com a situação.

Desse modo, entendemos que divulgação científica é a popularização da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação (TV, impresso, internet e rádio) que pode se configurar de várias formas dependendo do meio, seja em formato de artigo, coluna, palestras, entrevistas, fascículos, etc. Jornalismo científico é um caso particular, é a divulgação da C&T, mas que obedece ao sistema de produção jornalístico citado ao longo do texto por diversos autores.

Jornalistas e Pesquisadores

A aproximação entre jornalistas e pesquisadores torna-se necessária para fluir uma divulgação científica em Parintins. No município, existe um afastamento entre essas duas profissões que são complementares. Na opinião do jornalista do Repórter Parintins, Marcondes Maciel, a comunidade científica se fecha para a imprensa e pouco se sabe o que é produzido dentro das universidades. Por outro lado, a pesquisadora do Ifam/Parintins, Ilmara Monteverde, declara que já enviou *releases* à mídia local sobre pesquisas do Instituto e não obteve resposta. Para Pimenta (2012), o discurso científico e o discurso jornalístico passam a ser parceiros quando o primeiro encontra no outro um tradutor que

---

[7] Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

levará ao público não especializado a interpretação de determinado conhecimento[8]. E Boas (2005, p.14), aponta que "os meios de comunicação são o caminho mais imediato e abrangente de intensificar a divulgação científica para o grande público".

São vários os motivos que justificam o distanciamento entre pesquisadores e os veículos de comunicação. Segundo Oliveira (Idem), cientistas e jornalistas vivem em mundos distintos. Enquanto o primeiro leva anos desenvolvendo uma pesquisa, o segundo trabalha com o imediato e precisa resumir todo o processo da pesquisa em 15 linhas. É difícil para um cientista explicar todo o seu trabalho em uma rápida entrevista, assim como também não é fácil para um repórter entender o "jargão científico" usado para explicar tal pesquisa. Para isso, o repórter precisa estar preparado, sendo que alguns teóricos atentam para a necessidade de especialização na área. O editor da revista cientifica *American Brazil*, Ullisses Capazzoli, em entrevista à agência Fapeam[9], afirmou que "há por parte tanto de jornalistas dedicados à divulgação quanto da própria comunidade científica, carência de uma formação mais ampla e profunda em áreas como história e filosofia da ciência"[10], fundamentais para a compreensão de assuntos científicos.

Boas (2005, p.14) adverte que a resistência da comunidade científica em relação à mídia tem suas razões. "Os meios de comunicação são, antes de tudo, um negócio com um produto a vender. Seu produto é a informação. Seus consumidores são os leitores, ouvintes e telespectadores". Assim, quem determina as notícias que serão publicadas no jornal não é a vontade do pesquisador em divulgar sua pesquisa, mas o que o editor ou diretor do veículo considerar relevante para aumentar a venda do jornal. Segundo relatos do editor do Jornal Repórter Parintins, Raidenor Stone, as matérias relacionadas à ciência são frias e os jornais sobram nas bancas. Por outro lado, os pesquisadores acreditam que há sim interesse por parte dos leitores, pois toda novidade é relevante para o público.

Outra razão apontada por Boas (2005, p.15) sobre o distanciamento entre a produção científica e sua divulgação nos meios de comunicação de massa é a falta de interesse dos pesquisadores que se destacam no meio acadêmico em popularizar o seu saber. "Tão importante quanto subsidiar o trabalho dos jornalistas científicos é preparar os próprios cientistas para lidar com a imprensa".

[8] Disponível em:< www.bocc.ubi.pt >. Acesso em: 19 de abril de 2013.
[9] Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).
[10] Entrevista disponível em:< http://www.fapeam.am.gov.br/noticia.php?not=6451>. Acesso em: 15de maio de 2013.

Divulgação científica e desenvolvimento

A divulgação científica assume o papel fundamental de levar a ciência até o conhecimento do público. São resultados de pesquisas, novas tecnologias e processos do mundo da ciência que precisam ser traduzidos para uma linguagem acessível ao público leigo por meio dos meios de comunicação. A divulgação científica está ligada ao conhecimento, o qual por sua vez está atrelado ao desenvolvimento. Sobre o tema, Wilson Bueno (2009) esclarece que "a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo" (BUENO, p.162).

Parintins enfrenta inúmeros problemas como a falta de saneamento básico, lixo a céu aberto, deficiências na agropecuária, nas plantações, etc. Partindo destas problemáticas, a comunidade científica desenvolve pesquisas - algumas há mais de dez anos - para tentar solucionar tais problemas, mas o que é perceptível através de nossas análises é que essas mesmas pesquisas não chegam ao conhecimento da população.

Em levantamento feito nas duas universidades existentes no município sobre as pesquisas que estão sendo realizadas, constatamos que só na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) há, pelo menos, 41 projetos de iniciação científica – portanto financiados por órgãos de fomento – referentes ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), são 68 projetos do Programa de Apoio de Iniciação Científica (Paic) em execução. Contabilizando as duas universidades, elencamos mais de 100 projetos de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento que estão sendo desenvolvidos, muitos destes envolvendo diretamente a comunidade.

É importante construir uma ponte entre os cientistas/pesquisadores e a população. E uma das finalidades sociais dos veículos midiáticos é prestar esse papel de "tradutor da ciência", levando as pesquisas, descobertas e inúmeros trabalhos de cunho científico até o conhecimento do público em geral. É preciso que a mídia tome como prioridade a divulgação científica para unir ciência, tecnologia, pesquisa e público. O primeiro passo é abrir espaço nos veículos locais para a veiculação de matérias que abordem a temática. O segundo, preparar os profissionais para escrever e analisar assuntos relacionados à ciência e tecnologia, uma vez que falar sobre estes requer preparo e aprofundamento, ou seja, necessariamente uma "especialização". A ciência faz parte do dia a dia da sociedade do

campo e da cidade. Uma pesquisa, realizada em 2010, sobre a Percepção Pública da Ciência e da Tecnologia no Brasil[11], revelou que 46% dos brasileiros têm interesse em temas sobre o meio ambiente e 42% em medicina e saúde, contabilizando, na mesma pesquisa, o interesse de 30% dos entrevistados para assuntos ligados à ciência e tecnologia (SIQUEIRA, 2013).

Pesquisas e possibilidades de divulgação e jornalismo científico

Para este trabalho, selecionamos três pesquisas consideradas relevantes para o desenvolvimento regional do município e entorno, entendendo como "desenvolvimento regional" uma série de iniciativas - incluindo as comunicacionais - que ajudam a ampliar a qualidade de vida de uma determinada localidade levando em consideração seus aspectos de econômicos, educacionais, sociais, de saúde etc.

Recortamos para este artigo os seguintes trabalhos acadêmicos com grande potencial comunicacional e, por consequência, de jornalismo e divulgação científica. São eles: a utilização de fungos da Amazônia para a degradação da garrafa PET (desenvolvida por Aldenize Viana na UEA/Parintins); o tratamento do chorume[12] encontrado na lixeira pública com o uso de fungos amazônicos (desenvolvida por Adriana Nunes na UEA/Parintins) e a utilização de fungicida para combater fungos prejudiciais à plantação de hortaliças na área de várzea (desenvolvida na UEA/Parintins por Ádrya Figueiredo)

A pesquisa sobre a utilização de fungos da Amazônia para a degradação da garrafa PET foi desenvolvida no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA) pela aluna de graduação Aldenize Viana. O estudo avaliou o potencial de degradação do material por meio de fungos típicos da Amazônia como o *Pycnoporus* (conhecido como Orelha de Pau), que mensurando as condições de crescimento dos micro-organismos e o ambiente necessário, acelera o processo de degradação do PET. As garrafas PET foram escolhidas para as análises por apresentarem resistência à degradação natural e ocuparem um vasto espaço no meio ambiente por longo tempo, gerando acúmulo de lixo. Veja as imagens abaixo:

[11] Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0214/214770.pdf>. Acesso em 11 de março de 2013.
[12] Chorume, também chamado por líquido percolado, é um líquido poluente, de cor escura e odor nauseante, originado de processos biológicos, químicos e físicos da decomposição de resíduos orgânicos. Esses processos, somados com a ação da água das chuvas, se encarregam de lixiviar compostos orgânicos presentes nos lixões para o meio ambiente.

Figura A: Garrafa PET;
Figura B: Cogumelo conhecido como Orelha de Pau (fungo*Pycnoporus);*
Fotos: Divulgação

Os fungos amazônicos possuem em sua composição enzimas exidativas capazes de degradar os elementos que compõem a madeira, os polímeros naturais e, com isso, apresentam potencial positivo para a degradação de polímeros sintéticos, encontrados em embalagens plásticas. Esse resultado pode vir a beneficiar o município, que tem uma lixeira exposta – não coincidentemente ao lado da Universidade Estadual do Amazonas – e ainda não implementou uma política de saúde na construção de um aterro sanitário para sanar este problema. Com os dados resultantes da pesquisa e a aplicação desse método, os danos causados ao meio ambiente seriam menores.

Verificamos que esta pesquisa tem um grande potencial para amenizar os impactos ambientais causados por embalagens plásticas não recicladas. Porém, o resultado desta pesquisa ainda não foi divulgado jornalisticamente pelos veículos e profissionais do município. Outro motivo importante que deveria chamar a atenção da mídia parintinense para esta questão está relacionada ao prejuízo econômico gerado pela lixeira da cidade. Já que a mesma encontra-se a "céu aberto", atraindo uma superpopulação de urubus no entorno do lixão. O que por si só já seria desagradável à população é ampliado ainda mais porque este local é muito próximo do único aeroporto da cidade, fazendo com que o mesmo tenha que interditar suas atividades diurnas por conta do perigo iminente das aeronaves

colidirem com alguma ave. Ou seja, um prejuízo social, turístico e econômico incalculável a cidade de Parintins.

Desse modo avaliamos que se os veículos midiáticos da cidade, por meio do jornalismo científico, destacassem a potencialidade desta pesquisa, o referido estudo poderia ser uma das soluções (obviamente não a única) para esta problemática. Nesse sentido, Moreira (2004) afirma que a resolução dos graves problemas sociais e econômicos que afetam nosso país tem na divulgação científica um pré-requisito indispensável.

> Para a cidadania, é importante que cada um tenha oportunidade de adquirir conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento que lhe possibilite entender o seu entorno, ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e atuar politicamente com conhecimento de causa. A divulgação científica tem um papel importante neste contexto (Moreira, 2004. Apud, Massarani, 2008)

A segunda pesquisa, também relacionada à temática anterior é referente ao tratamento do chorume encontrado na lixeira pública do município de Parintins, com a utilização de fungos da região amazônica. Essa pesquisa foi desenvolvida no CESP/UEA pela aluna de mestrado Adriana Nunes sob a orientação do professor doutor Ademir Castro e Silva. Com o aumento populacional, cresce a quantidade de produção de lixo, que em sua maioria é depositado nas lixeiras sem tratamento ou separação. Isso contribui para a origem de substâncias tóxicas prejudiciais à vida humana e ao meio ambiente, o chorume.

A pesquisa teve como objetivo avaliar o perfil enzimático de dois fungos comuns da região do Baixo Amazonas com potencial para degradação de chorume obtido do lixão de Parintins. Os fungos utilizados no tratamento do chorume foram *Pycnoporus sanguineus* (conhecido como orelha-de-pau) e FV-12 O estudo concluiu que o fungo orelha-de-pau apresentou potencial de degradação, sendo possível sua aplicação no tratamento do chorume e assim melhorar o meio ambiente. Essa possível solução não foi publicada nos jornais presentes no município. Como citado acima, o chorume, dependendo de seu estado, pode ser prejudicial à vida humana. Portanto, as pessoas que residem próximo à lixeira podem estar correndo sérios riscos à saúde, pauta esta, também, ainda não problematizada pelos veículos parintinenses. Partindo dessa perspectiva, Calado (2007) explica que os assuntos que envolvem os desdobramentos acerca de experimentos ou descobertas científicas chamam a atenção do público leigo, principalmente os que lhes afetam diretamente, como o caso da lixeira pública. Veja as imagens abaixo:

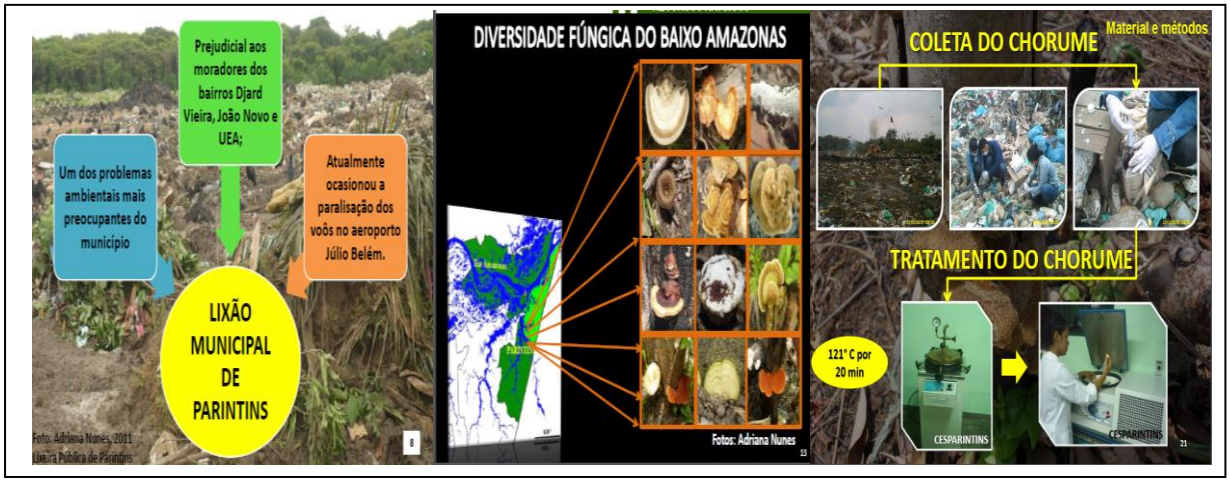

Figura A: Lixeira pública de Parintins; **Figura B**: As variedades de fungos amazônicos; **Figura C**: Processo de coleta do chorume;
Fotos: Adriana Nunes

A terceira pesquisa aborda a utilização de fungicida no combate aos fitopatógenos (podem ser bactérias ou insetos), fungos causadores de danos às hortaliças dos ribeirinhos. A pesquisa foi desenvolvida pela aluna de mestrado em Biotecnologia, Ádrya Figueiredo, no CESP/UEA. Para os estudos, foram testados dois tipos de fungos amazônicos, o orelha-de-pau *e o Lentinus crinitus* (encontrado em troco em estado de decomposição), que controlam os prejudiciais aos vegetais. Por falta de conhecimento e também de alternativas, os produtores utilizam fungicida sintético para combater as doenças, só que o uso inadequado do produto pode causar prejuízos às plantações. Veja as figuras abaixo:

Figura A: fungo *Pycnoporus;* **Figura B;** fungo *Lentinus crinitus* **Figura C;** Alface contaminado; **Fotos:** Ádrya Figueiredo.

Em virtude dos danos causados pelos fungicidas sintéticos, da possibilidade do surgimento de fungos prejudiciais às plantas que são resistentes a tais produtos, a pesquisa

se apresenta como uma alternativa para os produtores rurais. Com o uso desse fungicida natural, diminuem os riscos de contaminação ao meio ambiente e aumenta a produção.

A pesquisa citada anteriormente - assim com as outras duas - não foi divulgada pela mídia local, o que confirma a falta de interesse dos veículos em popularizar a ciência e contribuir com o desenvolvimento de Parintins. Os jornalistas alegam que as universidades se fecham, mas admitem que nunca procuraram saber o que a comunidade científica produz em suas dependências. Oliveira (2007) afirma que a divulgação da ciência é importante para o desenvolvimento da sociedade:

> O acesso às informações de C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, onde grande parte da população tenha de fato condições de influir com conhecimento em decisões e ações políticas ligadas à C&T (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Boas (2005, p.27) o mito de que o público não se interessa por ciência precisa ser quebrado. "Não sejamos pessimistas, e confiemos que uma divulgação científica de qualidade pode ser feita". Por outro lado, autores como Bueno (Idem) afirmam que o ensino formal de ciências nas escolas públicas é fraco e que a mídia cumpre o papel pedagógico de alfabetizar os jovens. Segundo o próprio autor, muitos não conseguem compreender assuntos simples do mundo da ciência. Mas Boas (2005, p.29) adverte que "mais do que uma alfabetização em ciência, o público precisa de bons intérpretes".

A força do rádio para a divulgação da ciência no Amazonas

Entre os meios de comunicação, o rádio se destaca em relação à televisão, o jornal impresso e internet pela abrangência, por conseguir chegar a quase todos os lares brasileiros. Não obstante, no Amazonas, devido às limitações geográficas, é o meio mais eficiente e de maior alcance. Segundo Tavares (2009), o rádio está presente em 96% da população brasileira.

> Situação que tornou quase impraticável imaginar um indivíduo fora do alcance da emissão radiofônica. Quer nos lares, no interior dos automóveis, no ambiente de trabalho, ou mesmo em aparelhos portáteis das novas tecnologias, como computadores, celulares e leitores de MP3, o rádio está presente na vida das pessoas como extensão dos aparatos que compõem as suas necessidades (TAVARES, 2009, p 9).

Por ser um meio muito popular na região, acredita-se que os veículos presentes podem contribuir com o progresso do município se os radialistas passarem a ter interesse em divulgar as pesquisas que são realizadas nas universidades e institutos, tomando como pauta para os programas jornalísticos a divulgação da ciência e tecnologia. Parintins conta com três emissoras de rádios com concessão pública, que são Rádio Alvorada AM e FM (que atua há 46 anos), Rádio Clube AM com 25 anos e a Rádio Tiradentes FM. As pesquisas produzidas em Parintins são pautas nacionais e não locais, o que deveria ser o inverso. O professor doutor em Biotecnologia, Ademir Castro do CESP/UEA, já concedeu várias entrevistas à Rádio Nacional de Brasília sobre o potencial dos fungos amazônicos, mas nunca foi procurado para falar das pesquisas pela mídia parintinense.

Percebe-se, dessa maneira, o grande potencial de temas da região e contraditoriamente a falta de interesse por parte dos profissionais da comunicação em popularizar a ciência. É preciso quebrar as barreiras que separam a imprensa dos pesquisadores. Como foi citada no início deste artigo, a base para se formar uma cultura científica está sendo construída por meio dos programas de apoio à produção e divulgação da ciência, mais especificamente com o apoio da Fundação de Ampara a Pesquisa no Estado do Amazonas, a Fapeam.

Fapeam: primeiro passo para a divulgação científica no Amazonas

Com a implantação da Fapeam, a divulgação científica no estado deu início a uma nova era e, em pouco tempo, surgiram os primeiros avanços, como o aumento de pesquisas através do apoio desta Instituição a pesquisadores de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Desde 2003, o quadro vem se alterando gradativamente por meio dos programas de incentivo à produção e divulgação da ciência na região. A Fapeam mantém um site (www.fapeam.am.gov.br), e uma revista impressa, Amazonas Faz Ciência, nos quais são divulgadas notícias sobre pesquisas desenvolvidas nas universidades, institutos e escolas do ensino médio e fundamental. Em termos de divulgação científica, a Fapeam se destaca como exemplo de que é possível produzir e divulgar C&T na Amazônia. Segundo Mafra (2012):

> "A Fapeam vem apoiando pesquisas em C&T, por meio de programas e editais específicos, visando à formação de indivíduos qualificados nas seguintes áreas: Ciências Agrárias; Humanas; Sociais; Exatas; da Terra; Engenharias; Saúde;

> Biológicas; Linguísticas, Letras e Artes, com o objetivo de aumentar o 'estoque' de conhecimentos científicos e tecnológicos na Região Norte, bem como a aplicação destes saberes especializados, no desenvolvimento econômico e social do Amazonas" (MAFRA, 2002, p. 114).

O pesquisador pondera que para o fortalecimento e consolidação da C&T no cotidiano amazonense, a Fapeam investe desde 2006 na área da Comunicação, especificamente na divulgação científica, por entender que a comunicação possui um papel estratégico na transmissão de informações, uma vez que aproxima o discurso científico e o faz de maneira mais acessível e interessante ao público (MAFRA apud GUIMARÃES 2012, p.116).

Considerações finais

Através desta pesquisa detectamos que a divulgação cientifica não é prioridade por parte da mídia parintinense. Para a nossa surpresa, a maioria dos profissionais que trabalham nos veículos de Parintins possuem formação acadêmica em jornalismo, o que nos leva para outra discussão: a deficiente formação jornalística no que tange à preparação do profissional para escrever sobre ciência. Os veículos não dispõem de uma editoria específica para divulgar matérias de cunho científico, pois a insuficiente formação do jornalista para cobrir ciência e a incompreensão de boa parte dos cientistas sobre o papel do jornalismo científico pode comprometer a qualidade final destes produtos noticiosos. Mas essa situação pode mudar se ambos (jornalistas e pesquisadores) se dispuserem a dialogar e entender as particularidades dos processos de produção das notícias. E, sobretudo, é importante que eles tenham consciência da necessidade de democratizar o conhecimento científico.

Temos um público que possui um grande interesse em notícias relacionadas à ciência e tecnologia e também a presença da comunidade científica no município, através de duas universidades públicas (Ufam e UEA) e um Instituto (Ifam), que produzem trabalhos importantes. Por conta desta deficiência na divulgação científica, sua produção fica restrita aos seus próprios pares acadêmicos. Em pouco tempo, poderemos ter um avanço significativo nesta área, ampliando dessa maneira a importante função da divulgação científica e, por consequência, do desenvolvimento regional.

E a mídia pode contribuir com o desenvolvimento do município por meio da divulgação das pesquisas científicas que nascem de uma problemática da região. O que lhe falta é abrir um espaço para destiná-lo à popularização da ciência e qualificar profissionais

para atuarem como mediadores de conhecimento. A comunidade científica vem crescendo com produções voltadas para o cotidiano dos parintinenses. Ou seja, para além do clichê de que a ciência é imprescindível para o desenvolvimento da sociedade, ela realmente o é. Quando os veículos de comunicação e seus profissionais entenderem – e exercitarem – isso, teremos um cenário promissor para toda a população do município e, pensando regionalmente, do Amazonas.

REFERÊNCIAS

BERTOLLI FILHO. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

BOAS, Sergio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e o ensino de ciências**. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo30.php>. Acesso em: 10 de março de 2012.

___, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e democratização do conhecimento**. Disponível em:<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php>. Acesso em 15 de março de 2012.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.

CALADO, Liliane de Andrade. **A ciência no jornalismo impresso.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/calado-liliane-ciencia-jornalismo-impresso.pdf >. Acesso em: 15 de dezembro de 2012;

FIGUEIREDO, Adrya. **Avaliação "*in vitro*" dos extratos de basidiomicetos frente à de fitopatógenos prejudiciais à produção de hortaliças de pequenos produtores da região do Baixo Amazonas (AM).** Parintins: UEA, 2012.

KATAK, Rodrigo**. Isolamento e identificação de fungos fitopatógenos prejudiciais à cultura do pimentão (capsicum annum) município de Parintins/AM.** Parintins: UEA, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. - 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

MAFRA, Edilene. **A divulgação científica radiofônica em tempos de internet.** Manaus, 211.

MASSARANI, Luisa. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

NUNES, Adriana. **Fungos amazônicos com potencial para degradar chorume *in natura* obtido do lixão municipal de Parintins – AM.** Parintins: UEA, 2012.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico**: 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2007.

SANT'ANNA, Ronaldo. **Jornalismo Científico:** Tarefa para Jornalistas ou Cientistas? Disponível em: <http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo_ronaldosantanna.pdf>. Acesso em 29 de março de 2012.

TAVARES, Olga. **Comunicação & Ciência. João Pessoa**: Editora Universitária da UFPB, 2009.

VERAS JUNIOR, José Soares. **Da Informação Ao Conhecimento: O Jornalismo Científico Na Contemporaneidade.** Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2005. Disponível em <http://www.bocc.uff.br>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

WOLF. Mauro. **Teorias da Comunicação.** Porto: Presença, 1995.